



GNÓSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa

ANO VII - Nº. 86

Arcanjo da Estação Outono: Miguel

Maio 2010

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

A Gnose é essencialmente um conjunto de conhecimentos adquiridos por misteriosas vias, escapando geralmente aos sistemas de instrução conhecidos.

A corrente gnóstica apareceu repentinamente no começo do segundo século e em seguida tomou grande impulso. (os essênios eram gnósticos)

Revelação dos ensinamentos esotéricos mantidos até então dentro dos santuários.

Os gnósticos aliam os processos místicos de cálculo empregados na Cabala as deduções filosóficas de onde são derivadas as diversas religiões.

Jesus encontrou em Apolônio de Tiana um sério rival, vencedor, porém, da fatalidade, por seu desprezo pela morte, não teve interesse em conservar a vitória, sendo superiores a Apolônio pela sua virtude, mal grado as austeridades e a alta iniciação deste último.

S. Pedro encontrou um temível adversário na pessoa de Simão, o mago, que é geralmente considerado como o criador da Gnose, em conjunto com Cerinto. A doutrina revelada por estes dois homens superiores encerra integralmente todos os dados sobre o esoterismo; além disso, seu sucesso avulta de mais a mais,

ao mesmo tempo em que cada uma das seitas diversas imagina ser continuadora da tradição sob um ponto particular.

O Sr. Matter, que fez um estudo histórico deveras interessante sobre o Gnosticismo, divide-o em 5 grupos principais diferindo entre si por certas considerações doutrinárias, pouco mais ou menos como as várias seitas cristãs de nossos dias.

Esses grupos são 1 – O grupo primitivo ou palestino, fundado, o que é curioso, quase totalmente por Judeus; Simão, o mago, Menandro, Dositio e Cerinto pertenciam a este grupo. 2 – O grupo sírio, que Saturnino e Bradesano de Edesse representaram. 3 – O grupo egípcio, que é o que mais diretamente se deriva dos mistérios e que encerra a tradição secreta mais do que todos os outros.

A teoria pura cabalística dos abraxas lhe é própria. Seus mais ilustres representantes deram origem a grupos respeitáveis, tais como; 1 – Basilides, Mago iniciado em todos os mistérios; 2 – Valentim, cristão possuindo o esoterismo completo. Revelação da tradição em suas mais importantes divisões; 3 – Ófitos que se derivam do sistema precedente; 4 – O grupo esporádico, com Carpócrato; 5 – O grupo asiático, que com o seu ardor é um dos mais importantes em sustentar a luta, tendo como ornamento Cerdon e Marcion.

Estas variedades de doutrinas se

originam do farto de ter cada iniciado, cada agremiação regional, libertos do juramento do silencio em virtude da não ligação superior, tentado encontrar a tradição em sua totalidade, com o pouco de Ciência Oculta, que por si mesma, possuíam.

É por isso que o grupo egípcio, derivado diretamente da fonte primitiva, é o mais avançado em conhecimentos e possui quase integralmente a tradição.

Enquanto o Politeísmo se esfalçou sem nada deixar além de seus livros e lendas, o Gnosticismo jamais foi aniquilado.

No tempo em que corrente do Cristianismo politicamente vencedor se apoderou da direção intelectual do Ocidente, a Gnose persistiu em seu estado de tradição secreta transmitida nos mistérios das associações ocultas. Nós a reencontramos sob o nome de filosofia hermética em toda a idade média; os Templários, que se tinham feito iniciar em seus lugares de origem, eram também Gnósticos, da mesma forma que os Francos-Maçons o seriam mais tarde, sem que o soubessem.

De todas as vias pelas quais a tradição tem sido conservada, o gnosticismo é, pois uma das mais poderosas.

Vamos a este propósito divulgar dois estudos do Jules Stany Doinel, fervoroso apóstolo dessas doutrinas em nossa época, bem mais competente do que nós nestas questões.

O primeiro destes estudos expõe o sistema de Valentim; e o outro apresenta documentalmente a sobrevivência da Gnose como culto do XI século.

A Gnose de Valentim

A meus irmãos e irmãs da Igreja Gnóstica espalhadas nas trevas deste mundo hilico.

1 – Refiro-me a Gnose de Valentim. É a Gnose completa. Refiro-me a ela com fé, entusiasmo e emoção porque pressinto que a hora é chegada em que a Doutrina por tanto tempo emudecida, es-

condida, perseguida, irá projetar sobre os homens deste fim de século sua claridade salutar e libertadora.

Agradeço a Papus por me haver aberto a senda da Iniciação para este apostolado gnóstico. Não está longe o dia em que poderei, com a ajuda dos Santos Eones, expor publicamente, perante os homens de boa vontade da grande e nobre cidade de Paris, o Evangelho pelo qual teem vivido, lutado, sofrido, chorado, vertido seu sangue, os mártires, os apóstolos, os doutores e os iniciados desde Simão, o Mago, até os Albigenses.

Nossa época é verdadeiramente privilegiada; vê reflorir a Cabala, a Teosofia, a Iniciação, a Astrologia, a Ciência Oculta. Assiste a um despertar prodigioso. Toda uma constelação de espíritos eminentes resplandece em seu céu psíquico.

Revista, Jornais, Livros espalham a luz do Oriente sobre nossa terra ocidental. O absoluto se manifesta. Não é justo que a Gnose, que brilhou durante tantos séculos e que está quase extinta, reapareça por sua vez no firmamento das almas?

Não sou mais que uma voz que a proclama; essa voz não soará no deserto. Que todo profano se afaste, porém. Não jogamos as pérolas de Ofir aos Hílicos ignaros.

2 – O principio da Gnose é o seguinte: **O absoluto emana das forças divinas que são suas hipóstases, essas emanações são projetadas aos pares (sizigia) de séries decrescentes, são os eones.**

A origem era o silencio Eon eterno, fonte dos Eones, o invisível Silencio, o inominado, o Inefável, o Abismo; que na língua vulgar denomina-o – DEUS. O Principio e a causa, infinito, por si mesmo envolvido, ele não se agitava. Mas em seu silencio inviolado dois “geradores”, o principio masculino e o principio feminino, um, o masculino, iluminador do céu, o outro, o feminino, iluminador da parte infe-

rior, continuam a raiz, a origem do Ser, ou, melhor, eram eles mesmos a raiz e a fonte.

O abismo (Butter), envolvendo, assim a si mesmo, se contemplava com a sua coeterna esposa, a Meditação (Ennoia)

Silenciosa como Ele próprio, Ennoia recebia nesse indescritível amplexo amoroso o gérmen fecundo, o gérmen divino das Emanações. Não era Ennoia que o Abismo ia procriar. Porque ele era amor, e o amor aspira a se expandir, e que não almeje qualquer coisa para amar.

3 – O Abismo quis, pois, expandir-se e, com a Meditação emana a Inteligência, o **Eon Nous**, o primogênito (Monogenese), o único capaz de compreender a grandeza de seu sonho.

É primeiro dos Eones, o “ARKHE”, masculino, e Deus se revela por ele. O ato de que emana, dá, ao mesmo tempo, origem a sua companheira, a verdade absoluta (Aletheia), Eon feminino ao lado da objetividade. É assim se constitui a primeira Tétrada.

1 – 2 --Sigê-Ennoia (Silêncio e Pensamento ou Meditação)

3 – 4-- Nous-Aletheia (Inteligência-Verdade)

Essa primeira tétrada é a manifestação interior, interna, do Absoluto. Os Eones saídos de Deus por sua vez emanaram tal qual Deus. Nous e Alatheia engendraram a Palavra e a Vida (Logos de Zoé). Logos e Zoé emanaram a Essência-Humana (Antropos) e a Assembléia (Eclésia). Deve-se saber que Antropos é o Homem-Tipo de que a Humanidade não passa de imperfeita cópia e que Eclésia é o conjunto do Cosmo.

De sorte que Antropos, masculino, e Eclésia, feminino são os dois arquétipos do mundo da inteligência e do da matéria.

É a segunda Tétrada;

5 – 6 – Logos-Zoé.

7 – 8 – Ántropos Eclésia

Tal qual a primeira, essa segunda tétrada constitui a Ogdóada que condensa a inefáveis belezas do Um, do Absoluto.

4 – Do mesmo modo que seu Pai, os Eones iam emanar, sempre por sizígia, por pares, pelos princípios masculinos e femininos. Logos e Zoé emanaram então e projetaram:

1 – 2 -- Bythios e Mixis

3 – 4 -- Ageratos e Henosis

5 – 6 -- Autophyes e Hedone

7 – 8 – Akinetos e Synkrisis

9 – 10 – Monogenes e Makanas.

Estes dez (10) Eones formam a Década.

Ántropos e Eclésia emanaram e projetaram:

1 – 2 – Paracletos e Pistis

3 – 4 – Patricos e Elpis

5 – 6 – Métricos e Ágape

7 – 8 – Aeinous e Sunesis

9 – 10 – Eclesiásticos e makarides

11 – 12 – Theletos e Sophia

Estes 12 Eones formam a Duodécada.

A reunião da Oitava, da Década e da Duodécada, manifestando o Absoluto por sucessivos degraus descendentes, constitui a Plenitude, ou, para falar a linguagem de Valentino, o Pleroma.

Cada um dos Eones é uma hipótese da vida do Abismo Divino, um tipo que o reproduz, um degrau misterioso para subir até ele.

A Oitava é mais elevada que a Década, e a Duodécada menos elevada. Valentino dizia com Paulo (Colosios 11.9) “Nela habita o Pleroma da divindade”.

Essas noções contêm a essência da Teologia do grande Valentino.

Devemos agora expor com a mesma clareza simples e sem ênfase a cosmogonia desse doutor da Gnose.

5 – Todos os Eones emanados do ABISMO não conheciam sua essência, a sua natureza. Somente Nous (a inteligên-

cia) a conhecia, sendo o princípio masculino emanado dele e de Ennoia. “Ninguém, dizem Mateus e Lucas, conhece o Pai, a não ser o filho” (Mateus XI; 27- Lucas X; 22)

Essa ciência perfeita, entretanto, era ambicionada por todos os Eones.

Eles emanaram de Deus, inclinavam-se para Ele, amavam-no, eram consumidos pelo insaciável desejo de O conhecer. Nous lhes teria comunicado essa ciência perfeita si o SILENCIO eterno lho tivesse permitido. Mas, não o permitiu.

Como conseqüência da emanção e à medida que os Eones emanados se afastavam de sua origem, do foco do infinito, sua ignorância desse inefável mistério ia crescendo e sua languidez aumentava.

Seu insaciável desejo redundava em verdadeiro sofrimento. Esse sofrimento Sophia o experimentava a um grau incalculável.

Era o último Eon da Duodécada, o mais afastado do Pai, e, portanto, o mais ignorante do segredo de sua natureza. Unida a Theletos (vontade), não podia suportar seu princípio masculino.

Tinha sede do abismo. Desejava unir-se a Ele. Amava a fonte das emanções, o Pai dos Eones, o primeiro Eon. Lutava assim contra o impossível. E na violência apaixonada dessa luta, estaria perdida, aniquilada, se o LOIMITE, o Eon Horus, não lhe tivesse sido enviado por SIGE (o Pai). Horus reconduziu Sophia para os limites de seu ser, dentro da periferia de sua natureza.

Emanado para restaurar a harmonia do Pleroma perturbado pela languidez de Sophia. Horus se sentiu impotente para preencher toda sua missão, porque, em sua paixão de amor indizível. Sophia havia transposto os sublimes degraus da PLENITUDE.

Foi preciso ajudar Horus. Por este motivo Nous emanou um novo par: **Cristo**

e pneuma (o Espírito). Estes dois Eones deviam pacificar o mundo divino do Pleroma.

Cristo aparecendo aos Eones lhes explicou o desenvolvimento do Absoluto, suas Leis, suas Regras, suas Exigências, sua Norma, Graças a Ele, os Eones compreenderam que o Absoluto, incompreensível em si, não pode ser percebido e alcançado por suas manifestações, suas emanções, seu sucessivo tornar a ser e que sua essência incomunicável repousava no eterno SIGE (Silencio)

Depois de Cristo, Pneuma falou aos Eones e lhes ensinou a santa resignação e a santa paz da aquiescência.

6 – Entretanto, os langores de Sophia não tinham sido estéreis. Sem o auxílio da VONTADE, tinha dado origem, por si mesma, durante seus insaciáveis êxtases, a um Eon feminino emanado de seu desejo de união com o ABISMO.

Este Eon – ACHAMOTH ou SOPHIA ou TERRESTRE, precipitado do Pleroma ao nascer, exilado do Caus, errava fora dos limites dos Mundos Divinos que Horus impiedosamente trancava.

Achamoth, ao ser precipitada fora do Pleroma, teve a rápida visão da Luz inefável que lhe era arrebatada.

A tristeza da queda e o pensamento torturante de seu isolamento perseguiram-na em seu exílio. Poder-se-iam aplicar a ela estes belos versos do poeta esotérico Lamartine:

“Todo mortal se assemelha ao exilado do Eden. Quando Deus o expulsou do celeste jardim. Lançando um olhar aos fatais limites. A chorar se assentou as portas interditas. De longe ouviu da morada imortal. O suspiro harmonioso do eterno amor.”

Muitas vezes a infeliz se lançava até aos confins da Plenitude. Horus a repelia, tal qual o arcanjo de espada flamejante da Bíblia repelia Adão e Eva das resplandecentes portas do Paraíso.

Então Achamoth peregrinava a chorar através do vácuo. **Continuará**